

BOLETIM DAS VII JORNADAS SEÇÃO LESTE-OESTE DA EBP

ESCOMBROS

#02



*Escola Brasileira
de Psicanálise*
Seção Leste-Oeste

EDITORIAL

ORDÁLIA ALVES JUQUEIRA

(EBP/AMP)

Um editorial em tom poético enlaçado ao significante ESCOMBROS é um desafio que o texto de Fábio Paes Barreto ***A Estética do Real: Do Semblante à Dor Elegante*** convoca quando traz, por exemplo, que os restos da dor e da linguagem não são apenas ruína, mas matéria para estilo e invenção. Considerando que na clínica lacaniana os Escombros são o que resta quando o simbólico falha - fragmentos de gozo que invadem o corpo, expondo o sujeito ao Real cru - seria justamente desses restos que pode nascer um estilo, um saber-fazer com o insuportável. Escombros é, portanto, o nome que acolhe essa estética: não apagar ruínas, mas reconhecer nelas a possibilidade de criação sendo que, entre restos e falhas, entre dor e linguagem, o sujeito encontra sua marca: o que sobra, o que resiste, é também o que pode ser reinventado.

O texto também explora a impossibilidade de traduzir totalmente a dor humana em palavras, mostrando como literatura e psicanálise se encontram nesse limite. Nessa perspectiva se serve de autores como **Samuel Beckett** e **Fernando Pessoa** revelando que o sofrimento exige mediação estética, seja pelo fingimento poético ou pelo semblante lacaniano que contorna o vazio do Real. Assim, a dor não é apenas devastação, mas pode ser transformada em expressão artística e clínica e Fábio traz a noção de **“dor elegante”** de **Paulo Leminski** que sintetiza essa operação: o sofrimento estilizado torna-se obra e dignidade, recusando o apagamento pelo bem-estar artificial.

O texto segue com autores como **Emily Dickinson** e **Êsquilo** que reforçam a singularidade de cada dor enquanto Lacan e Miller articulam sua rela-

ção com o gozo e das Ding. Pode-se dizer que no horizonte ético e estético, a psicanálise e a arte compartilham o desafio de inventar formas singulares de lidar com o Real, transformando o peso mortífero do sofrimento em estilo e criação.

Sob um trilha mais crítico, evidencia-se a tensão entre a dor e a linguagem, mostrando como o sofrimento nunca é plenamente simbolizável. Para **Lacan**, o sujeito é sempre clivado pelo significante, e é justamente nesse resto irreduzível que a dor se inscreve. A “dor elegante”, como propõe Leminski, não é uma romantização, mas uma forma de dar contorno estético ao excesso pulsional, transformando o insuportável em estilo.

Já uma leitura clínica permite compreender que o texto mostra como a dor se torna um ponto de fratura no corpo e na subjetividade sendo que a dor pode se apresentar como um gozo opaco e disruptivo, que escapa ao princípio do prazer e rompe a homeostase. Para **Lacan**, o sofrimento é um sinal de que o significante falhou; quando o **semblante** não opera, a dor invade diretamente o organismo, expondo o sujeito ao **Real** sem mediação e, a chamada “dor elegante”, é justamente essa possibilidade de transformar o insuportável em traço, em obra, em marca subjetiva. Quanto ao tratamento, longe de ser “anestesiá-lo” o sofrimento, é uma condução a um saber-fazer com o Real, permitindo que a dor deixe de ser devastação muda e se torne inscrição simbólica.

Enfim, o texto de Fábio nos conduz a considerar que a estética do sofrimento não é mero ornamento, mas uma ética: sustentar a dor como aquilo que não se apaga, mas que pode ser transmutado em criação, seja na **literatura**, na **clínica** ou na **arte**.

Escombros#2 inicia a série de vídeos **O Analista na Cidade**. Nesta edição, Vanessa Wagna conversa com Leticia Rosa sobre o Parque das Nações Indígenas, templo verde maior e elogio sul-mato-grossense aos povos originários.

Neste mês, o Boletim publica o Episódio 2 do **Podcast Escombros**. Luana Silva (Campo Grande/MS) entrevista Rafaella Cunha (EBP/AMP) sobre o Ponto Norteador 2, “O fato estético na experiência analítica”.

Seguindo nos compassos das VII Jornadas da EBP/Leste-Oeste, recolhemos momentos vanguardistas do Teatro Lira Paulistana, movimento de estética inovadora e revolucionária da capital bandeirante.

Dor Elegante, de Paulo Leminski, tornou-se música no arranjo de Itamar Assumpção. Em interpretação icônica, Itamar e Zélia Duncan cantam o poema em verso e prosa, dando contorno estético e dignidade à insistência do sofrimento.

Em *Pô, amar é importante*, o compositor Arrigo Barnabé divide o microfone com a campo-grandense Tetê Espíndola. Arrigo a chama repetidamente pelo seu nome de batismo, Teresinha, ecoando uma irreverência quase teatral que evoca o antigo bordão de um célebre comunicador.

Nesse diálogo informal de vanguarda, com o verbo amar em causa, aprendemos que o amor pode mitigar a dor. Mais do que isso, a psicanálise nos lembra que o amor se inscreve como o único afeto capaz de fazer o gozo condescender ao desejo. Onde o imperativo do gozo consome e machuca, o laço amoroso introduz a falta necessária para que o desejo volte a circular.

A ESTÉTICA DO REAL: DO SEMBLANTE À DOR ELEGANTE

FÁBIO PAES BARRETO

(EBP/AMP)

O que conheço menos mal são minhas dores. Penso nelas todas, todos os dias, é rápido, o pensamento vai tão depressa, mas elas não vêm todas do pensamento. Sim, há momentos, principalmente à tarde, em que me sinto sincretista, à maneira de Reinhold. Que equilíbrio. Aliás, conheço mal também minhas dores. Isso deve ser porque não sou apenas dor. Aí está a astúcia. Então me afasto, até o espanto, até a admiração, como de um outro planeta. Raramente, mas é o bastante. Nada cretina, a vida. Ser apenas dor, como simplificaria as coisas! Ser todo-dolente.

Samuel Beckett (1906-1989)

A dor humana resiste à captura total pela palavra. Quando o sujeito tenta dizer o que sofre, depara-se com o limite intransponível da linguagem, ponto exato onde a literatura e a psicanálise se encontram para bordar o

impossível. Samuel Beckett, em *Primeiro Amor*, ironiza a totalização do sofrimento ao constatar a impossibilidade de “ser todo-dolente”. A dor não ocupa todo o ser porque o sujeito é clivado pelo significante, restando sempre um resto não colonizado. É nessa hiância que Fernando Pessoa introduz o estatuto do fingimento poético:

O poeta é um fingidor
Finge tão completamente
Que sabe fingir que é dor
A dor que deveras sente

Fernando Pessoa (1888-1935)

O poeta finge a dor que deveras sente não por escroqueria ou falsidade mecânica, mas porque expressar o sofrimento exige a mediação de uma ficção, de um semblante. Para Jacques Lacan, o semblante contorna o vazio do Real. A estética não mascara o sofrimento, mas apresenta-se como uma operação clínica e artística necessária para dar dignidade e forma àquilo que, de outro modo, operaria como pura devastação subjetiva.

A Dor Elegante e a Formalização do Real

Dor elegante
Um homem com uma dor
É muito mais elegante
Caminha assim de lado
Com se chegando atrasado
Chegasse mais adiante
Carrega o peso da dor
Como se portasse medalhas
Uma coroa, um milhão de dólares
Ou coisa que os valha
Ópios, édens, analgésicos
Não me toquem nesse dor
Ela é tudo o que me sobra
Sofrer vai ser a minha última obra

Paulo Leminski (1944-1989)

É o poeta Paulo Leminski quem melhor traduz essa operação ao cunhar o termo preciso «dor elegante». O homem que carrega sua dor como se portasse medalhas ou uma coroa não está cedendo a um masoquismo passivo, mas operando uma autêntica estilização do Real. A elegância funciona como tratamento estético singular que localiza e circunscreve o transbordamento pulsional. Quando Leminski afirma que o sofrimento será sua «última obra», recusando o amortecimento dos «ópios, édens, analgésicos», ele eleva a dor

à dignidade de objeto estético, opondo-se ao imperativo contemporâneo do bem-estar. Em uma perspectiva lacaniana, essa recusa do analgésico é a recusa de apagar o traço divisório do sujeito.

*Dizem que o tempo ameniza
Isto é faltar com a verdade
Dor real se fortalece
Como os músculos, com a idade
É um teste no sofrimento
Mas não o debelaria
Se o tempo fosse remédio
Nenhum mal existiria*

Emily Dickinson (1830-1886)

Os sofrimentos humanos têm facetas múltiplas:
nunca se encontra outra dor
do mesmo tom.

Ésquilo (525/524-456/455 a.C.)

Emily Dickinson pontua que “se o tempo fosse remédio, nenhum mal existiria”, e Ésquilo lembra que as dores possuem “facetas múltiplas”, sem que se encontre jamais “outra dor do mesmo tom”. A singularidade irreduzível de cada dor atesta que o sofrimento traz a marca do estilo próprio do sujeito em sua relação com o Real. A dor se singulariza ao se formalizar; deixa de ser o grito anônimo da espécie para se tornar a assinatura do sujeito.

O Horizonte de das Ding

Lacan propõe uma relação estrutural entre *das Ding* (a Coisa) e a dor, utilizando-se da dialética sobre a lei moral em Immanuel Kant e no Marquês de Sade.

Sade expõe a dor em sua crueza fenomênica, desprovida da mediação do semblante, transformando o corpo em laboratório de um gozo ilimitado que rompe as barreiras do princípio do prazer e toca o Real inapreensível, onde prazer e dor se equivalem na vertigem da pulsão de morte. Há uma homologia profunda entre o imperativo categórico kantiano e a tirania do supereu sadiano: ambos exigem o sacrifício do bem-estar em nome de um absoluto que confina com o insuportável de *das Ding*.¹

Esta junção íntima entre dor e gozo também sustenta as formulações de Lacan em sua conferência no Colégio de Medicina na Salpêtrière. Ao dis-

1 LACAN, J. Kant com Sade (1963). In: LACAN, J. Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 776-803.

cutir o lugar da psicanálise na medicina e o estatuto do organismo vivo, ele utiliza essa aproximação para corroborar a noção freudiana do corpo cindido por um gozo disruptivo.²

Na clínica da psicose, quando o Nome-do-Pai falha em operar o corte que enquadra o Real, a dor perde sua função de semblante elegante e passa a invadir o organismo de maneira direta, desvelando o corpo a céu aberto – e em carne viva - que goza de forma destrutiva, à revelia do sujeito.³ Como bem elucida Jacques-Alain Miller no curso *El partenaire-síntoma*, em seu oitavo capítulo, a dor demarca o limite onde o corpo se faz experimentar na ausência da mediação significante. Miller articula que a dor surge quando o circuito do gozo perde sua amarração com o parceiro sintomático, deixando o organismo exposto à radicalidade de um tensionamento que já não encontra canalização libidinal.

É a dor que desvela o organismo quando o significante falha em colonizar a carne. Miller articula o conceito de gozo com a função clínica da dor, destacando-a como um excesso intolerável no corpo que surge justamente na falha da homeostase do princípio do prazer. Ele demonstra que a dor se situa como um gozo opaco, disruptivo e desmedido, expondo a carne capturada pela pulsão na borda exata entre o simbólico e o real. A dor física ou psíquica sinaliza o ponto de fratura onde o significante perde sua capacidade de reter a energia pulsional, tornando-se a manifestação mais pura da estética do real, desprovida de qualquer véu imaginário. O vivente experimenta na dor uma confrontação direta com o gozo do Outro que invade o próprio corpo. Esse fenômeno clínico desconstrói a harmonia subjetiva e impõe uma presença corporal maciça. Com isso, Miller elucida que a dor funciona como o avesso do prazer, fixando o sujeito a um real inassimilável pela linguagem⁴.

A Ética e a Estética

A estética do Real não propõe uma romantização do sofrimento. Pelo contrário, ela aponta para a responsabilidade ética do *fallasser* frente ao seu modo de gozo. Enquanto o discurso contemporâneo hipermoderno busca silenciar o mal-estar através da farmacologização maciça e da promessa técnica de uma felicidade anestesiada, a psicanálise sustenta a dor como marca da divisão subjetiva. Relacionar a dor com a estética nas VII Jornadas da EBP/Seção Leste-Oeste implica reconhecer que a arte e a clínica analítica compartilham o mesmo desafio ético: o de inventar um saber-fazer singular com o Real. A “dor elegante” é aquela que é capaz de lograr uma passagem

2 LACAN, J. La place de la psychanalyse dans la médecine: conférence et débat du Collège de Médecine à La Salpêtrière. Cahiers du Collège de Médecine, Paris, v. 7, n. 12, p. 761-774, 1966.

3 BARRETO, F. P. Foraclusão e suas dores – a poética de uma clínica. Belo Horizonte: Scriptum, 2022, p. 157-170.

4 MILLER, J.-A. El partenaire-síntoma: los cursos psicoanalíticos de Jacques-Alain Miller. Buenos Aires: Paidós, 2022, p.171-191.

do forçamento mudo e devastador do corpo para a escrita poética ou para o bem-dizer psicanalítico sob transferência, transformando o peso mortífero do sofrimento em um traço de estilo único.

O ANALISTA NA CIDADE PARQUE DAS NAÇÕES INDÍGENAS

- Local: Parque das Nações Indígenas
- Entrevista: Vanessa Wagna e Letícia Rosa
- Participação: Helen da Costa Guerra e Ana Paula C. do Carmo
- Produção e edição de vídeo: Caio Maciel

A Comissão de Acolhimento das VII Jornadas apresenta Vanessa Wagna em conversa com Letícia Rosa sobre o Parque das Nações Indígenas, pulmão verde e “respiro” para a metrópole pantaneira, como bem nos lembra Letícia.



Crédito: Comissão de Acolhimento

PODCAST ESCOMBROS

EPISÓDIO 2



Comissões

COORDENAÇÃO GERAL:

- Ary Farias (EBP/AMP).

1. CIENTÍFICA:

- **Renato Vieira (EBP/AMP);**
- Carla Serles (EBP/AMP);
- Ruskaya Maia (EBP/AMP);
- Virgínia Carvalho (EBP/AMP);
- Gabriel Caixeta (MSC/EBP).

2. BOLETIM:

- **Fábio Paes Barreto (EBP/AMP);**
- Ordália Junqueira (EBP/AMP);
- Caroline Quixabeira (MSC/EBP);
- Cristina Alves (GO);
- Luana Silva (MS);
- Regina Cheli Prati (MS);
- Daiane Ribeiro Ruiz (EBP/AMP).

3. TESOURARIA:

- **Ordália Junqueira (EBP/AMP);**
- Melissa Fukuchi (BSB).

4. INFRAESTRUTURA:

- **Daiane Ribeiro Ruiz (EBP/AMP) e Isangela Lins (MS)**
- Hévila Ribeiro Ruiz (MS);
- Márcia Cristina de Campos (MS);
- Kamila Souza (MS);
- Maria Eduarda Bravalhieri (MS);
- Fernando Reis (EBP/AMP);
- Maila Rocha (GO);
- Henrique Lopes (GO);
- Juliana Melo (GO);
- Leonora Arruda Florencio (GO);
- Livia Loures (ES);

- Tiago Barbosa (BSB);
- Rozilene Martins Victor (BSB);
- Angélica Santini (BSB);
- Luisa Carvalho (TO).

5. LIVRARIA E COLETÂNEA:

- **Luciana Pedron (EBP/AMP);**
- Ana Paula Rezende (GO)
- Luana Silva (MS);
- Sheila Cordeiro (MS);
- Gleice Taciana Barbosa (MS);
- Katiuscia Kintschev (MS);
- Geanini Vieira (BSB);
- Mário Neto (GO);
- Renata Pozzatto (ES).

6. DIVULGAÇÃO E ARTE:

- **Giovanna Quaglia (EBP/AMP);**
- Fernanda Fernandes (EBP/AMP);
- Fernando Reis (EBP/AMP);
- Rafaella Cunha (EBP/AMP);
- Randra Gondouin (ES);
- Hítala Gomes (ES);
- Gabriel Caixeta (MSC/EBP);
- Melissa Fukuchi (BSB);
- Munira Barreto (BSB);
- Leandro Borges (GO);
- Letícia Rosa (MS).

7. ACOLHIMENTO:

- **Helen da Costa Guerra (MS);**
- Gize de Bessa (MS);
- Vanessa Wagna (MS);
- Luciene Ferreira (MS);
- Ana Paula Carmo (MS);
- Yana Lissandretti (MS);

VII JORNADAS SEÇÃO LESTE-OESTE DA EBP

A PSICANÁLISE E A ESTÉTICA DO REAL

INSCRIÇÕES:



 CAMPO GRANDE - MS
Auditório INSTED

 9 e 10 de outubro

 Inscrições via Sympla

Convidado:
Jésus Santiago
(AME EBP/AMP)



*Escola Brasileira
de Psicanálise*
Seção Leste-Oeste